

# A conferencia de D. Miguel Unamuno

A convite da Camara, realisou o sr. D. Miguel Unamuno, illustre reitor da Universidade de Salamanca, uma conferencia na sala nobre dos Paços do Concelho, que teve lugar no dia 22 do corrente.

Eram 3 horas da tarde, quando o presidente da Camara, sr. dr. João Rebello, abriu a sessão com as seguintes palavras, na presença da grande e selecta assistencia:

Na qualidade de presidente da Camara é-me muito grato abrir esta sessão, em que o illustre reitor da Universidade de Salamanca fará a sua annunciada conferencia, e como a apresentação do illustre conferente está a cargo do sr. dr. Lino Pinto, limito-me a agradecer em nome da Camara a subida honra que a esta é concedida pelo sr. D. Miguel Unamuno, que promptamente accedeu ao convite que esta collectividade lhe fizera, sollicitando-lhe uma conferencia.

Ao mesmo tempo aproveito a occasião para prestar o meu preito de admiração ao illustre conferente, convidando-o a tomar o lugar da presidencia, concedendo a palavra ao sr. dr. Lino Pinto.

O sr. dr. Lino Pinto proferiu então o seguinte discurso:

*Minhas senhoras e meus senhores.* Foi por proposta minha que a Camara a que me honro de pertencer convidou o illustre reitor da Universidade de Salamanca a fazer uma conferencia na sala nobre d'esta casa. Antes de fazer a sua apresentação, a qual me foi confiada por esta digna corporação administrativa, seja-me dado dizer as razões do nosso convite.

Como vv. ex.<sup>as</sup> sabem, por toda a parte se percebe ultimamente um resurgimento local

em todos os municipios. Nos ultimos seculos, a sciencia administrativa—no seu aspecto municipalista—occupou-se quasi exclusivamente das condições materiaes de vida do povo, desempenhando o municipio por assim dizer apenas o papel de administrador da riqueza municipal. Hoje a sciencia administrativa abriu á administração municipal maiores horizontes, marcando-lhe um maior papel historico, ou antes, mais civilizador, pois que ultimamente o municipalismo se tem vindo occupando, não já apenas das condições materiaes de vida dos municipes, mas tambem das suas condições moraes, principalmente no que respeita á formação do caracter e á cultura das intelligencias. E isto é tão verdade que em todos os paizes, principalmente n'aquelles em que mais se accentua o resurgimento das tradições municipalistas, se vê já os municipios municipalisarem a instrucção, creando escolas com um caracter regional, fundando museus, bibliothecas, etc.

Além d'esta razão, derivada d'um criterio scientifico por nós seguido na administração municipal, houve outras razões que nos levaram a fazer o presente convite. Como a Figueira é frequentada por muitos hespanhoes, nós quizemos significar com este convite a nossa sympathia pelo povo visinho e irmão, e significar o nosso alto apreço por um dos mais brilhantes representantes da Hespanha intellectual.

De apresentação não carecia o illustre conferente, que é conhecido por todo o mundo intellectual como philosopho profundo, como poeta de sublime inspiração, como critico consciencioso e como prosador de grande poder de observação, a quem pôde chamar-se com justiça um authentico pensador, que na Hespanha tem feito uma verdadeira evolução de renascimento litterario. Elle é bem o digno representante da intellectualidade hespanhola, que tem dado á luz nomes illustres, como o de Cervantes, de Mendos e Play, de Altamira e tantos outros.

mano, só uma coisa tenho a fazer—sentar-me já e ouvil-o com religiosa attenção.

Tomou em seguida a palavra o sr. D. Miguel de Unamuno, que foi recebido com uma entusiastica salva de palmas e que prendeu durante mais de uma hora a attenção do selecto auditorio com a sua admiravel conferencia, interrompida frequentes vezes com applausos calorosos, e cujo extracto publicamos em seguida.

Terminada esta, o illustre conferente foi vibrantemente saudado, sendo-lhe depois offercida no gabinete da presidencia uma taça de champagne, trocando-se por essa occasião differentes notas.

Eis o resumo da notavel conferencia:

Depois de sandar em seu nome e no da colonia hespanhola actualmente veraneando na nossa praia, a Figueira e Portugal, passou a indicar o caracter que poderia ter esta conferencia, que não seria mais do que umas notas e noticias de um amante de Portugal, philologo e poeta.

Felicita-se porque quando parece ter-se desencadeado uma loucura de guerra sobre a maior parte da Europa, estar elle aqui, n'este rincão de socego e paz, falando das coisas eternas do espirito.

Hespanha e Portugal, *Hispania*, pois foi esta a denominação commum que tiveram no tempo dos romanos, levaram — disse — uma vida se não commum, paralella, mais ainda na vida cultural do que na politica.

Juntos luctaram os dois povos na reconquista contra os mouros, e então, na Idade Média, o foco da cultura espirital foi Sant'Iago de Compostella, no meio dos dois povos, objectivo das grandes peregrinações europeias que nos trouxeram as tradições de outros povos.

Em mappaes medievaes allemães chama-se á península—*Iacobland*—a terra de Sant'Iago.

De Compostella irradiou a poesia lyrica, mais gallega ou portugueza do que hespanhola em principio. As cantigas d'el-rei de Castella Alfonso X, o Sabio, são em gallego, e nos primitivos cancioneiros portuguezes apparecem poetas castelhanos que ás vezes escrevem em gallego.

Voltam a apparecer em obra commum os dois povos na epoca dos grandes descobrimentos geographicos que abriram, tanto ou mais do que a diffusão do hellenismo no occidente, o renascimento. Os portuguezes descobrindo as Indias orientaes, e os hespanhoes as occidentaes ou America, e os que seguem aquelles. Os nomes de Albuquerque, Castro, Colombo, Cabral, Magalhães—este um portuguez ao serviço de Hespanha,—apparecem juntos. E surgem os grandes historiadores das Indias, tanto hespanhoes como portuguezes, magnificos escriptores que fazem o perenne encanto de ambas as litteraturas.

E na renascença surgem juntos Cervantes e Camões.

No *D. Quixote* teve grande parte Portugal. Os principaes livros de cavallaria, o *Amadís* e o *Palmeirim*, passaram de Portugal para Hespanha, e n'aquella passagem em que apparece *D. Quixote* já vencido querendo fazer-se pastor, diz-nos que passará os dias recitando eclogas, de Garcilaso e de Camões.

É de crer que estas ultimas em portuguez. Porque nos seculos XVI e XVII o conhecimento mutuo das duas linguas era geral. Em castelhano se encontram numerosas composições do grande dramaturgo portuguez Gil Vicente, em castelhano alguns sonetos de Camões, e uma das obras classicas da prosa castelhana, é a Historia do movimento e guerra da Catalunha no tempo de Philippe IV, do portuguez D. Francisco Manuel de Mello. E pela sua parte o grande prosador hespanhol Fr. Luiz de Granada, que acabou a sua vida em Lisboa, escreveu em portuguez os seus ultimos sermões.

Estas relações litterarias interrompem-se nos seculos XVIII e XIX.

O terremoto de Lisboa, ao qual se seguiu no espirito o do Marquez de Pombal, pareceu separar mais os dois povos. Os jesuítas pela sua parte nunca uniram povos.

Sómente no principio do seculo XIX volta a unir-nos a guerra da independencia contra Napoleão. Nos Arapiles, á vista de Salamanca, hespanhoes e portuguezes misturaram o seu grande esforço, na causa commum, sob o commando de um caudillo inglez.

Porém o que mais nos une são as linguas. A lingua, que é o sangue do espirito. A castelhana e a portugueza, irmãs gêmeas, desenvolveram-se juntas. E não sem transições. O gallego, o terçiano e o leonez, são laços entre uma e outra, e o que o dr. Leite de Vasconcellos chama dialecto mirandez, não é mais do que o que na Hespanha se chama dialecto sayagnez, na provincia de Zamora. O emprego official e litterario fizeram-nos retrahir-se e differenciar-se, mas ao mesmo tempo que o castelhano,—integração de dialectos—se tornou mais rígido e duro, em grande parte pela obra fonesta da Real Academia da lingua, o portuguez manteve-se mais flexivel e dóce.

É difficil que os hespanhoes aprendam a falar portuguez, mas isso deve-se a uma ra-

a nossa lingua. A inversa não é tão corrente; custa-nos mais a entender o portuguez falado de que o escripto, o que se deve a razões de phonetica.

Cervantes chamava ao idioma portuguez *um castelhano sem ossos*, mas pôde-se retorquir a isto que o castelhano seja um portuguez ossificado, principalmente depois da sua revolução phonetica em fins do seculo XV.

Um escriptor portuguez advoga a ideia de Portugal se tornar bilingue, como o Japão, adoptando como segunda lingua a de communicação universal, o inglez, como se pudéssemos ter duas pelles, ou melhor duas carnes para mudar, como quem tem duas camisas.

As linguas estrangeiras devem falar-se, como dizia Eça de Queiroz, *patrioticamente mal*.

Quando vos encontrardes com um sujeito que fala com equal perfeição tres ou mais linguas, podeis affirmar que é um cavalheiro da industria. Usa d'ellas como de gazuzas para entrar nos espiritos alheios, e não tem a chave do proprio. Em geral os portuguezes são bilingues. Quem sabe portuguez pôde dizer-se que sabe sem grande esforço hespanhol, e o hespanhol falado por umas vinte nações, é a lingua mundial.

E acrescentou o conferente, que conhece mais de um critico e estudioso que pelo conhecimento da lingua hespanhola, passou á da portugueza.

Manifesta-se adverso—que se façam traducções. Não vale a pena fazel-as, mas sim empregar um pequeno esforço para lér na lingua irmã, o que se facilitaria se em vez d'esses volumosos dictionarios em que apparecem todas as palavras as mais d'ellas communs, se publicasse um vocabulario contendo apenas os vocabulos differentes, com uma pequena introdução sobre a correspondencia phonetica.

Fala das traducções castelhanas de obras portuguezas. Ha-as das poesias de Eugenio de Castro, de Guerra Junqueiro, mas não de João de Deus, poeta intraduzivel, que chegou ás vezes á expressão unica, e ao triumpho da simplicidade, rosa vivestre e aromatica que tem de colher-se no seu só, e nem se transplanta nem se conserva em jarra. Tem-se traduzido tambem Eça de Queiroz, romancista cosmopolita e exotico, mas nada ha traduzido do grande Camillo, o mais vernaculo de todos, e o que nos dá nas suas tragicas novellas a alma portugueza.

Diz que na ultima edição das obras de Fr. Luiz de Granada, apparecem traduzidos em hespanhol os sermões que este escreveu em portuguez, o que lhe parece uma ridicula profanação.

N'uma viagem que fez em Portugal, ouviu dizer, sem ter podido verificar o, que em algumas aulas de medicina portuguezas se estudava Ramon y Cajal... traduzido em francez! Disse tambem que tinha recebido um livro de um medico lisbonense com uma dedicatória em francez, ao que lhe respondeu que hespanhoes e portuguezes não precisavam de nenhum mediano linguistico para se entenderem.

O que na verdade acontece é que em Hespanha ha uma grande difficuldade em encontrar livros portuguezes, que além d'isso são caros, e as obras classicas pouco hem editadas, pela mania de as modernisar e popularisar.

Não concorda n'esse modo de descer até ao povo; é preciso educal-o para que se eleve á comprehensão de taes obras na sua pureza. E ha coisas que nunca podem ser populares.

Refere a anedocta de um professor hespanhol que passeava em Coimbra n'um barco pelo Mondego, na companhia de um collega portuguez, isto por occasião da morte de João de Deus, e affirmando o portuguez que João de Deus era um poeta popular, o hespanhol disse que com certeza o barqueiro não o conhecia. E fazendo-lhe esta pergunta, o barqueiro respondeu: «*João de Deus? Não conheço.*»—«*Então que poeta conhece tu?*»—perguntou-lhe o professor hespanhol. «*Poeta? . . . poeta só conheço o Sara-gocano!*» respondeu o barqueiro. Quer dizer aquelle que em Hespanha fazia em verso os prognosticos do tempo, o nosso verdadeiro Borda de Agua, astrologo transmontano.

Disse que não nos conheciamos uns aos outros, hespanhoes e portuguezes. Por ventura conhecemo-nos mesmo os dois povos a nós mesmos?

Não! Esse desconhecimento mutuo, é um desconhecimento proprio. Temos vivido uns e outros sem nos estudarmos, e em assumptos litterarios, de más traducções de más obras francezas. Tem-nos feito muito mal as bibliothecas baratas, mais ou menos sociologicas, que querem ser de vulgarisação, mas apenas conseguem ser de má orientação.

E para esse desconhecimento tem contribuido por um lado a nossa commum anarchia critica, não devendo liar-nos no que diz aqui e ali cada um por seu motu proprio, e por outro a paixão politica, que divide, como diz Guerra Junqueiro que fazia Salmeron, os poetas em monarchicos e republicanos, essa paixão que tem causado n'um e n'outro paiz tantos erros e prejuizos.

Nega que esse desconhecimento seja tão grande como se diz, e cita como conhecedores da litteratura portugueza em Hespanha Menendes y Pelayo, Sauches Moguel, Julio Nombela, cathedratico de Salamanca, fallecido quando se dispunha a dar o fructo dos seus estudos em Portugal, onde esteve durante um anno pensionado pelo governo, e o malgrado Victor Said Arnesto, primeiro professor de litteratura galaico-portugueza na Universidade de Madrid.

Protesta contra o typo caricatural de se nario que em um e outro paiz se faz do respectivo visinho. Taes anedoctas que em Hespanha correm como de portuguezes, são filhas da ignorancia e dos prejuizos. Ao que aqui em Portugal se chamam *hespanholadas*,

visinho, como n'um espelho, o que lhes é commum.

E ambos somos *pointilleux*, assomados, facéis de melindrar-nos, susceptiveis.

Eu affirmo-vos—disse mais—que hespanhol que diga mal de Portugal, diz tambem mal de Hespanha. Os patriotas, os *chauvinistas* mesmo, entendem-se melhor uns aos outros do que os sem patria. E isso do typo convencional forja-se ás vezes até em virtude de razões de... rima, como aquillo dos *portugais toujours gais*—que está muito longe da verdade.

Lé um trecho de um recente escriptor portuguez em que fala da justiça que se faz a Portugal nos livros dos historiadores hespanhoes (o escriptor é Alberto de Oliveira) e o trecho é extrahido das paginas 407 e 409 do seu livro *Pombos correios*.

É claro que ha differença no commum hispanico. O genio portuguez é lyrico elegiaco, o castelhano dramatico. Os maiores lyricos da Peninsula são incontestavelmente os portuguezes, e no genero dramatico, o unico grande dramaturgo portuguez, Gil Vicente, escreveu muito em castelhano, e o grande drama de amor portuguez, o da Ignez de Castro, foi primeiro naturalizado e transportado ao theatro por hespanhoes. E é tal vez porque o castelhano é lingua que se recita e que se declama, e o portuguez lingua que se canta. E entram n'isto factores de sólo. O castelhano é mais truceolento, gosta mais de sangue; o portuguez propenso ao pantheismo, humanizou mais a religião peninsular.

Em Portugal apparece muito em obras religiosas o menino Deus, o menino Jesus em Hespanha Christo crucificado, exangue e sanguinolento. Fr. Thomé de Jesus falou com singular delicadeza nos trabalhos que passou Nosso Senhor durante os nove mezes que esteve no ventre materno. O que seria este assumpto tratado por um castelhano?

Temos de commum a emphase, a amplificação—e nos espiritos de natureza emphatica, a emphase é natural—a violencia passional.

Camillo é um perfeito typo commum peninsular. Temos de commum a quasi falta de humorismo. O de Eça de Queiroz é artificial, postiço. O portuguez como o hespanhol quando quer zombar insulta, usa sempre do sarcasmo aggressivo. Vêde Quevedo, o funebre, vêde Camillo, Fialho de Almeida.

E temos tido de commum na segunda metade do seculo XIX um terrivel pessimismo, que nos levou a desconhecer o nosso passado, e a calumniarmo-nos a nós mesmos.

Temos sido dois povos de Jeremias, de prophetas, vaticinadores de desgraças.

Canovas dizia que *só era hespanhol quem não podia ser outra coisa*: Antonio Nobre acabava um soneto dizendo: *amigos, que desgraça ter nascido em Portugal!* Oliveira Martins foi um pessimista, e nada diremo de Anthero de Quental, suicida, suicida como Camillo, como Soares dos Reis, como Mouzinho de Albuquerque, como tantos outros portuguezes.

Herculano, o grande pessimista, foi o mestre d'aquelle lyrico D. Pedro V, que poderia chamar-se o *Hamlet lusitano*, como Carducci chamou *italo Amleto* ao rei Carlo Alberto, o que morreu no Porto! Ha livros mais pessimista do que a *Patria* de Guerra Junqueiro!

Grandes terão sido os nossos crimes nas Indias orientaes e occidentaes, mas bem a temos declamado, chorado e confessado. E até temos accetado a malevola lenda de calumnias, de mentiras que a orgulhosa Europa, principalmente a protestante, tem lançado sobre nós.

E na verdade não ha razão alguma para tanto pessimismo. Fizemos uma grande obra e ainda nos resta conclui-la.

A Hespanha conquistou Oran em Argel e a França occupou logo este fertil paiz, regado com o suor de hespanhoes e italianos. Isto é porque as colonias não são d'aquelles a quem sobram braços, mas sim dos que desejam ali collocar capitaes; a terra não é de quem a trabalha, mas sim d'aquelle que emprega capital n'ella.

Portugal conquistou Ceuta em Marrocos e ainda hoje no braço de Ceuta figuram as quinas portuguezas, e parte d'esse Marrocos, os Algarves de além mar, como alguem lhe chamou. E na America deixámos as nossas linguas. America *não latina*, isto de chamar-lhe assim é irrisorio, mas America hispanica ou iberica. E já ahí na Argentina, Brazil, Chile... se unem para uma obra commum.

Semeámos pelo Novo Mundo duas linguas irmãs. E povo que deixa a sua lingua e a sua litteratura com ella, deixa a sua alma: é immortal! Porque não só se *pensa* tambem se *sente* na lingua materna.

Se a Polonia parece querer resuscitar como personalidade ethnica, é porque tem sabido conservar a alma, a sua lingua, contra os furiosos embates do allemão. E essa é a verdadeira independencia.

Desgraçado do povo que vende a alma para conservar o corpo, com uma apparencia de independencia!

Ficou ainda ao genio peninsular alguma coisa por fazer?

Aqui leu uns trechos da *Historia da Civilização Iberica*, de Oliveira Martins, e acrescenta que desde o extremo occidente da Europa, pela America e Africa, ainda nos ficam, com as nossas linguas irmãs, como instrumento, um trabalho de cultura por concluir, uma obra de poesia e de amor.

E o genio peninsular não morrerá, enquanto o limpido ceu de Castella seguir rindo o triumpho de *D. Quixote*,—pois *D. Quixote* fazendo rir com a sua tragedia triumphou—e as ondas do mar tenebroso se quebraram nas costas portuguezas, cantando estrophes dos *Lusíadas!*

Armando de Sousa

# Gazeta da Figueira

Jornal evolucionista



ASSIGNATURAS

Na Figueira — trimestre .....	750
Continente e Africa — semestre ...	13000
Brazil — anno (moeda forte)....	48000
Numero avulso .....	40

PUBLICAÇÕES

Annuncios — cada linha .....	40
Repetições .....	20
Comunicados .....	60
Imposto do sello .....	10

## E E GUERRA

A festa militar de infantaria 28

Até nós mesmos, que tanto combatemos contra a guerra, contra a mania de se falar só na guerra, não temos outro remedio senão falar na guerra, pois sentimos que estamos eivados do bacillo da guerra.

Portugal é agora um vastissimo hospital, onde de norte a sul tudo está contaminado pela peste da guerra; não ha medicos nem enfermeiros: ha só atacados.

Entretanto seria para nós muito mais proveitoso, se, abstrahindo da guerra, continuassemos a nossa vida pacata sem nos importarmos com a vida alheia.

E' certo e mais que certo que não seremos lesados nem beneficiados com a conflagração.

Por outro lado a ninguém restam duvidas de que os germanicos serão por fim esmagados infallivelmente.

Demos o nosso fraco apoio á Inglaterra, offerecemos-lhe o nosso fraco prestimo; o nosso papel agora resume-se n'isto: aguardar com serenidade os acontecimentos, sem que necessario se torne esta effe-

Teve logar no domingo, como noticiámos, a cerimonia da ratificação do juramento de bandeira dos recrutas de infantaria 28, seguindo-se-lhe varios exercicios desportivos pelas praças do regimento.

A's 11 horas da mandá dirigiu-se o regimento, acompanhado da sua banda, para junto do quartel em construcção, onde era grande a agglomeração de povo, muitos os grupos de senhoras e onde se viam representadas as auctoridades civis e militares da cidade.

O sr. capitão-ajudante Teixeira Lopes leu ás praças os deveres do regulamento militar, e em seguida o nosso intelligente conterraneo, sr. alferes Santos Pinto, fez um brilhante discurso em palavras singelas, de facil comprehensão pelos rapazes que iam fazer o seu juramento.

Em seguida procedeu-se ao acto do juramento, acto de grande solemnidade e de grande respeito, feito debaixo d'um religioso silencio, resoando as palavras dos briosos militares, n'um conjuncto grave e altivo pelo local coalhado de gente que ali tinha accorrido, principalmente familia dos rapazes á Patria es-

## ECHOS

Aeroplanos

Indignadissimo, ura X grande, brada no *Seculo* de domingo:

*Basta de tanta burocracia! Basta de tanta organização de serviço! Queremos aviação! Acabe-se com as commissões, suspenda-se esse chorriho de leis, que nada resolvem! Queremos aviadores!*

Tem toda a razão o sr. X grande: onde param os aeroplanos ha tres annos adquiridos ou offerecidos?

Dormem o somno eterno nos caixotes do estylo, emquanto meio milhão de portuguezes estuda afinadamente o meio de os deitar a aboar!

Deslisaram para as commissões, o indispensavel Lazareto de todas as iniciativas e de todos os projectos. E as commissões o que fazem?

Naturalmente... nada... porque nada percebem do assumpto.

Valeu a pena a subscrição popular...

Officiaes do mesmo officio

A indignação com que certa imprensa se atira á agencia allemã Wolff pelo facto d'esta espalhar aos quatro ventos o que ha de mais

e é guloso... porque consome mais assucar.

Em compensação, o allemão entra mais pelos legumes e sobretudo pela batata.

De tudo isto, só frisamos o facto do soldado francez beber chá, o que faz com que elle seja mais bem educado do que o louro filho do Rheno.

E a boa educação no seculo 20.º é tudo, pois não é, senhora *Voz da Justiça*?

Um... padre!

Então não querem lá vêr o padreca do Paião a dizer que mettia o dr. Joaquim Jardim n'um *chinel-o* (sic!!!) e a afirmar que a sua (d'el-le, padreca) *larynge afinada tambem fala por musica!*

E' um rouxinol, o reverendo... cultural!...

Rouxinol e *pueta* de pé quebrado...

Pois olhe, *reverendo*: se gosta de quadras, ahi vae esta de pé inteiro e capaz de caber n'um *chinel o* (sic)!!!

*Cada qual no seu officio Já dizia o pae Adão: Tu bem quizeras ser padre, Não passas de sacristão...*